

DESFORRAS

Livro 28

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



TODOS OS DIAS

Onde pôr o passado que voa em direção ao meu futuro, passando por cima do meu presente e cobrando-me algum lugar para descansar? Que mágica o reinventa para repousar na minha cama, na minha sala? O cheiro do pão da padaria da esquina me invade todos os dias pontualmente às quatro da tarde e qualquer odor a café me deixa a dúvida se minha mãe não andar­á por perto me esperando para que lhe faça companhia. Se não fosse pela falta de um fogão a lenha, de um abrigo familiar e das comidas artesanais, poderia jurar que se congelou o tempo tal a nitidez com que cada cena se faz viva, quase delírio.



POESIAS E ACORDES

A vida sempre me apeteceu como um pedaço de pão ou um figo que desprende uma gota do mel que o compõe e adoça. É como uma árvore do conhecimento que remete ao espelho do tempo e à verdade que me

construiu. O banal e o humanamente descuidado não me podiam pertencer. As emoções me saiam pelos poros, espontaneamente, eram vivências sem rumo, perdi os filtros sem me dar conta. É banal dizê-lo, porém perdi o controle, me fiz transparente. Fui capaz de despertar com a poesia na boca e durmo com todos os acordes dos adágios. Com a alegria de estar vivo e a tristeza do dia que se acaba.



SUBPRODUTOS

A impossibilidade do convívio ensina subprodutos do viver, constrói supérfluas e efêmeras felicidades convencendo-me que algo da vida nasceu mal formado e não depende nem espera as mudanças que proponho. Muitos dos perdidos não fui eu quem os perdeu, nos desencontramos por aí, sem dar-nos conta dos caminhos divergentes, cada um pelo seu seguindo sua viagem com um caminhar que alarga a demora e atrasa reencontros. Avançando em antigas direções, acostumado a recorrer a essa opção tradicional que não me prepara surpresas.

A VOZ DAS PALAVRAS

A voz das palavras me separa da ilusão, é como uma luz. Como fazer para não falar? Trata-se de inventar um mundo aparte, que seja tão real como esse que esta aí, ao lado, todos os dias. Com evidentes transformações me escondo para não fazer feio, mostrar tanto despreparo para o viver. Exilo-me dentro de mim, meu silêncio registra murmúrios tentando fabricar novos sons que se resistem a ser nomeados.



HÓSPEDE

Retomo-me depois de longo tempo, sem dizer tantas palavras que guardei. Certas presenças me desconcertam porque me acostumei a falar sozinho pensando nas atitudes de simpatia alegre com que me renovo como criança feliz. Cada vez mais me reencontro exaltando o ânimo quando enfrento conhecidos medos e a solidão. Então me faço hóspede de mim mesmo, me acolho e me acolho sem alcançar tomar conhecimento de quem se dispõe a me amar.

AUSÊNCIAS

As ausências levam minha poesia. Então, vazio de tudo, falo sozinho declarando amor em voz alta. Treino fugas que me deem uma saída. Admiro a serenidade do voo silencioso das borboletas que vão revelando seu propósito sem alardes, aprendido do esforço das tentativas e das certezas de poder voar. Eterno aprendiz de novos hábitos, desafogo as ordens impróprias porque as margens se estreitam e as necessidades permanentes permanecem. Invento fugir de novas covardias porque pouco posso acrescentar ao desconcerto que tão gostosamente tenho em qualquer espera.

GESTO SONHOS

Diante da magnífica festa que é encontrar motivação para a vida, constituo versos que falem a verdade nua e crua, experimentando a reação e a hospedagem própria e alheia. Para livrar os méritos da confusão deixo de sofrer no tema errado.

Tomo providências. Anuncio algo em voz baixa esperando que se faça o milagre da mútua aceitação e rompam-se as diferenças aviltantes que impedem a paz de se instalar sem remorsos, incentivando presenças, gerando novos sonhos e vertendo outras emoções.



ENCOBERTO

Já não sei mais do que eu falo. As últimas imagens que guardo de estar feliz me fazem procurador de mim mesmo, acompanhando as fórmulas que desvendam a atitude singela que faz baixar as marés. Sem cobrar indenizações pelos limites profundamente humano,

me apresento ao mundo, quero algo mais que ele possa me oferecer. Sigo impaciente chamando os amigos, os consolos, vozes que me acalmem e convidem a que eu me acostume a ter saudades. Tenho me mostrado um amigo impaciente, pouco humilde e voraz com sede de amar, mau ouvinte que se exaspera com o discurso não esperado, irresistível, intolerante na exigência de ser ouvido. Deixo de ser solene para impor-me. Na vontade da minha fraqueza anuncio que eu quero saber se veem a cor dos meus olhos, o sentido da minha pele, a espessura do meu sangue. Quero a minha vontade reconhecida e o meu verso autenticado pela leitura anônima e amiga que valide a minha declaração. Porque eu sei viver desacostumado a ter paz, já não me chamo pelo que tenho de melhor. Insisto que a espera me faça absoluto e previsível já o que melhor de mim vive encoberto pelo enunciado, que em geral grita aquilo que de pior tenho.

IMPRESSÕES

Com a vanguarda ordenando-se durável, meus sentimentos se fazem uma formação contínua, deixam a impressão de que não existe a distância e que tudo o que encerra a vida guarda o passado fresco, reafirma no presente e retarda o futuro para não se perder depressa para o amanhã. Decretam greve nos relógios e seguram os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suavemente para o melhor de cada um. Esse olhar alegre, lançando alegrias em busca de algum olho próprio e adequado para repousar e aterrizar suavemente criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Essas suavidades me socializam e comunizam em mim uma rede de confianças e afirmações. São um golpe contra a traição porque afundam as confianças que por definitivas confirmam que é possível a fidelidade. Por serem morais, esses sentimentos autorizam usá-los como símbolos de um poder, de um amor e uma justiça. Contam que a ética e o desejo não estejam a venda.

SOBRE OS BENS

Os bens não são permanentes, às vezes se contradizem com a convivência entre os males e as maledicências, se dissolvem, são violados por aquele que não os hierarquizam, se dissolvem nos encontros ocasionais e de dispersam entregues nos encontros fugazes, menores. Em suas inocências, os que pouco se preservam, entregam o melhor e o mais precioso em proporções não calculadas de vulgarização, irracionais se opõem aos modelos por falta de consenso e privilégio. Os que não cultivam o privado, os que se oferecem sem critérios, vulgarizados em suas poucas originais preservações, entristecidos, empobrecidos, se preparam para a solidão promovida, produzida, escolhida.

Aquele que sonha não entrega seus sonhos a qualquer um.

INTENÇÃO DE USO

Mais arrependido fico quando a intenção de uso é majoritariamente romântica e a alma não acompanha. Meus versos reproduzem a graça enquanto meus pensamentos não respeitam nenhuma satisfação. Embora busque conformar-me com as palavras escritas, foi-me necessário escrevê-las. Como voz anônima grito o que não me convém dizer e no anonimato dos personagens valido minha indignação com as injustiças, com as guerras, com as violências da escola, do trabalho, das iras privadas nesse mundo repleto de não-pensantes, conformados e atores de uma história escravizante que insistem em cronificar. Pensei que pudessem me haver mentido, depois constatei que houve a fidelidade, houve a amizade, houve o pacto e com seu respectivo cumprimento. Tenho várias testemunhas, sou uma delas.

MÁGICOS SONHOS

Meus sonhos oscilam entre uma magia que me afoga sem ser náufrago, que me transporta sem sair do mesmo lugar e como um remédio capaz de acalmar uma crônica dor.

Como um desdém, algum pesadelo intrometido causa dano, saindo de um desagrado estacionado no meu descanso. Ainda que me pareça estranho nada se move ou sai do lugar, sou eu quem gira ao redor das cenas como se as construísse seguro, como quem cumpre rotinas. Embora cansado declaro seu fim e me pergunto como posso encontrar-me mais satisfeito?



DESGRAÇAS PRODUZIDAS

Ouço-me falar de antes, tento tornar-me mais vivo, excitado com o ardor de uma esperança. Cobro-me ânimo para examinar as sensações e assinalar que, invariavelmente, elas me tornam sereno, neutralizando o efeito da farta solidão. Me aperfeiçoo tornando a resignação uma virtude.

FAÇA

Faze-me admitido, suspende a minha sede, dá-me o teu apego. Encontro-me despido de certezas, sem provas de que valha a pena viver com tanto espanto. Faze-te dona do meu coração, sequestra meu tempo, utilidade e competência. Traze-me a paz e a luz, leva o tédio e o sossego. Abre minhas portas, entra nos meus segredos, despeja uma profusa ternura sobre minha tristeza, sacode minhas banalidades, torna possível que eu encontre onde guardei a luz dos meus olhos, os anexos, os vícios, onde lavei a alegria, a fonte onde lavei as mágoas e guardei os afetos. Apadrinha-me, recebe meus sonhos como legítimos.



UNIVERSO DESPEDAÇADO

Tão reduzidas as virtudes, tantas as feridas. Pouco frequentado, fico com os grandes estragos e os danos. Atiro para fora do meu espaço alguns legados como a

surpresa, o cenário, a casa demolida, a pintura, o sono interrompido, a lâmpada queimada, o vento açoitador, desastres sucessivos, injustiças, a fome de amor, o terrorismo de Estado, o cheiro do sangue, a falta das pegadas dos mortos, os imortais desaparecidos, as chagas doídas. A minha, a tua, a nossa liberdade foi ocupada pelo consumo, pelo imposto cobrado, pela alforria não concretizada, sou ilustre escravo desta tendência que obriga, me guia, me anula.

Demito-me desse universo despedaçado, falta-me a vocação e a omissão, não consigo perder a memória, meus olhos veem. Indignado, grito.



INSISTO EM TE AMAR

Olho o destino, insisto em declarações até que se despertem as recordações cansadas e tristes, reduzo problemas complexos em suposições e fantasias. Algumas anônimas, outras vertendo antigas alegrias vem oferecer-me novamente a ternura prometendo

habitar minha solidão e meu deserto. Tenho medo, venho de haver sofrido desbordes, Preparo-me para novas surpresas, saio à procura de atenuantes, romperei o lacre somente em caso de última necessidade se desaparecem as expressões, os recursos mais significativos, as palavras ficarem desalojadas, insuficientes, dando-me respostas falsas. Vejo um estado de defesas relativas aos medos de que nossos planos comuns se possam acabar.

De acordo com as promessas de amor, nossas declarações de amor se farão suficientes para considerar uma nova tentativa. Disfarço minhas evidentes desvantagens diante do que aprendi a temer. Insisto em te amar, evito trágicos desenganos.

UTILIDADES

Fecundado por uma suspeita, concordei em fazer um exame de consciência que me permitisse uma recordação fácil de transportar, que pudesse ser lembrada com certo encanto, que me acompanhasse na solidão e alimentasse o principal e o acessório. Tento ser capaz de coordenar os afetos descompostos, indicando alguma facilitação.

Estar em harmonia exige paciência e resignação, uma boa dose de esquecimento e a condução da civilidade por águas navegáveis.



EU VAZIO

Esse amor com tão pouca historia mas com tanta geografia me confisca a anatomia e a fantasia. Eu vazio, não sei onde me instalar, invento uma alegria enganosa em meio à euforia.

ESPANTOS E NOSTALGIAS

Decidiste partir? Não sou senhor do teu destino. Amolarei as dificuldades, tornarei os espantos menores e as nostalgias mais suportáveis.



MEU PRANTO

Choro pelos olhos, pela pele, pelo sonho, pela boca, nariz, pés, pela vida e morte, pelo caminho, por tudo o que foi e já não é, pelo presente perdido, pelo passado, pelo tempo que passa. Choro pelo excesso e pela falta. Sinto-me existindo enquanto posso chorar.

PENA

Entre tantos acertos, sou o segundo; me cubro tendo calor, me desnudo no frio, descanso com os olhos fechados e adormeço com os olhos abertos. Incorporo os livros fechados e passo uma olhadela nas letras que o compõem sem chegar a ler.

Amo sem contatos e, tenho os contatos, sem fazer amor.



PASSEIOS AMÁVEIS

O esgotamento emocional me priva do abrigo, me expõe ao descontrole da intensa quebra, uma alteração essencial. Uma modificação na minha primitiva e apaixonada necessidade de ser amado.

Não dou a versão completa, porque temo desvantagens.

AS LEIS DO AMOR

Atribuo à imensidão desse querer que sinto o surgimento de novos afetos. Suspeito que estou exposto a riscos, que se propalam autônomos, riscam o ar, administrando tua ausência, acenam ao tempo. Fugitivos, esses afetos untam meu vazio. Verifico ter receios, temo a imprudência, a impaciência, a insuficiência, a desarmonia, a doida alegria que revela segredos da paixão que assalta.

Nada do que sinto é lento, inútil, digno de pena.



TRANÇAS

Abandonando a solidão, derivo na direção do entusiasmo, ainda que assustado, para onde vai esse meu amor por ti. Apelo à temperança uma nobre reserva que permita luzir o branco no preto do cabelo vasto, para arrancar suspiros, até-lo até ser trança.

Quando então amanhecer esse dia, serão estranhas todas as dificuldades.

PELO ATO

Ainda que viva no calor, me falta abrigo e a água não me mata a sede, ainda que abundante. A ternura, a tosse, o molhado do sul da cintura, o desejo selvagem e a percepção da ausência do depois se intrometeram para avisar que o depois não é tão tranquilo e tão depois.



PONTO DE PARTIDA

Com as obrigações contraídas, me recolho a reembolsar, a pagar, a reduzir as fraturas me é imposto e devo dar-te um ar que me falta, reconduzir tua vida dando-lhe uma importância e um sentido que perdi.

Se ao menos inventássemos outra ocasião para juntar os pedaços, redobrar as vitórias, renunciar ao ponto de chegada, reproduzir o ponto de partida, não viajarias pelo que eu não fiz e eu não depositaria minha ofensa pelo que andaste fazendo.

QUERO

Se fujo tanto de ti, é pelo tanto que te quero. Ouço tua voz, fujo fazendo-te presente. Cada vez que me afasto, ouço rumores que vêm do infinito, são teus olhos, teu gemido, e ainda que fuja em direção ao futuro, busco-te, me nutro no passado. É tanto esse amor, que me assusta. Vejo-te dentro da minha solidão, contemplativa, silenciosa para não me despertar, para não quebrar as minhas saudades. Reinvento na ausência velada o amor sincero que não revelamos. Não quero viver de esconder-te, tangenciar-te. Quero, contigo, ser coletivo, fundir em convergência, consentir que o melhor seja ver-nos, compor homenagens, palpar afetos mútuos já habituados a imaginar a coincidência do instante em que nos presentamos raízes, sementes, fragrâncias, frutos, olhares confessos, cordiais, velando o medo e a vontade de estar.

O SONHO E A TENTAÇÃO

Uma musa não evocada apossou-se do meu interesse. Inclinando-se, estendeu o braço e ofereceu-me uma tênue intimidade ao roçar meu rosto, oscilando os dedos sobre meus olhos. Era o que faltava para tornar real o sonho, ainda que cuidadosamente não me tenha abraçado ou feito qualquer outro toque. Pareceu adotar aquela atitude acidentalmente, embora o gesto fosse um convite que transmitia todas as intenções. O afeto dirigido nesta direção, de duração breve, alcançou um êxito corporal limitado, mas foi o tempo suficiente para criar um agudo problema de difícil satisfação. Tendo uma longa amplitude, as fantasias ali inauguradas já não puderam ser satisfeitas em um encontro trivial. Começava ali um sonho utópico que praticava a alegria.

UMA TRANÇA

Admiro a todas, mas estou convencido de que ela é a quem mais admiro. Ela torna aromático o céu que a cobre, deixa o ar azul, ruboriza-me e me faz arder de desejos. Cai-me das mãos um poema, e ela logo me oferece uma trança que me tira todas as economias afetivas. A previsão, quando ela está, é de tormentas. Deposito nela meus olhos, invento ideias truculentas alegando provas de estímulos bilaterais, faço de tudo para dela alcançar algum benefício. Minha dignidade desce ao sul da minha cintura; arrasto-me até um canto onde eu não necessite economizar o meu espanto.



RUMOS

Qualquer motivo será um motivo para esperar-te; alguém que caminha na minha direção, o telefone que toca, um grito na esquina, um assovio, um carro que passa, uma música casual, um cabelo que repita o teu.

Faço ofício desta espera, faço promessas, acredito nessa magia, confesso esse meu sonho. Aprendi a aplacar a sede com o molhado dos teus beijos, acalmar os agitados desejos na paz do teu corpo, abrigo. Inclino meu apetite nos rumos que apontastes com tuas carícias.



COSTUME

Tenho o costume de amar. Do jeito que posso, percorro o caminho da conquista para viver a mais forte das emoções, torno sensível a admiração ardente, invento primaveras que antecipem caber nos dias um novo ânimo, ajusto os entendimentos, acelero a velocidade da trajetória antes da melancólica despedida, antecipo-me às incompetências, divirto-me com as delícias do momento, guardo os olhares. O amor lá está, respondendo aos que a ele recorrem.

AMOSTRAS DO AMOR

Tenho lutas irregulares, o primitivismo do amor às vezes me invade, então já não posso prescindir dos contatos corporais que, imperativos, comandam minhas ações e intenções. Contrasto meus desejos correntes cada vez que se manifestam ainda como ato primário, quando explodo todas as carícias que conheço: subordinadas, auxiliares, consoláveis, reverentes, rituais, amigas, servis, fraternas, sedutoras. Participo dos atos com o corpo e a alma deixando-me levar por onde eles queiram que eu vá.



CARÍCIA ROUBADA

Encorajo-me, preparo-me para sofrer pouco, ressinto-me da pouca reciprocidade -vãs tentativas-, altero a ordem da conquista e da rebeldia. Com a pele esfolada, fico escravo, tenho o orgulho rasgado, me estiro no chão ao lado do teu leito, em vigília, descobrindo esta

placidez, essa ternura maior que assumes dormindo, teu instante de maior paz. Tolhido em movimentos, meus olhos encantados, imóveis e mudos explodem no teu rosto sereno uma carícia roubada como forte vento. Levanto o que te cobre.



TU

Guarneço tua nudez, todo meu desejo se encaminha para diminuir-nos o espaço. Tremo, súbito, de medo, de espanto, finalmente, guardo esta ternura que, soberana, me alvoroça sem pedir licença.

CONFESSO

Anseio pelo reconhecimento, estou sujeito a severas restrições se me faltar o amor. Não me alcança viver com tudo o que significa restrições ou reduções no território dos afetos. Converti-me em um resistente, necessito do ato íntimo, ainda que mínimo me alegra saber-me desejado, considerado. Quero contatos satisfatórios, minha natureza espera que alguém me salve da solitária calamidade. Odeio abandonos, despedidas, desgraças, sigo indicações no sentido contrário, me apoio em reações emocionais básicas, sem imitação. Meu corpo o confirma por fazer-se manifesto acompanhante do contato que me agrada; seu entusiasmo é meu, meu desejo nosso.

CONVIDO-TE

Tento conservar as nossas diferenças. Prolongo um olhar fixo que conta o quanto te amo. Faço de tudo para ser atrativo, te envio sinais sutis e declarados, revelados permanentemente. Flutuo enlouquecido entre teus extremos, já não posso mais me ver sem ser contigo em conjunto.



MEUS CUIDADOS

Devo habituar-me a amar menos. As decepções começam a ter sentido. Isso limita a aptidão para declarar o quanto me encanta amar.

SOBERANA TERNURA

Encontro-te toda banhada em alegres sorrisos, te olho com um olhar saudoso, agito-me em busca de ocupar-te inteira, gritar meu espanto, fazer qualquer loucura para fazer-te vulnerável a minha presença. Tão apreciada és.

Ofereço-te minha estima sensibilizada, incessante, quase nova, quase derradeira.



OLHOS DEDICADOS

As juras voaram de parte a parte, desafogaram a paixão. Confessaram os ciúmes, todo o medo que sentiram, as tristes lembranças de um passado sem volta.

SUPRESSÃO

Acredito ser lícito suprimir as tristes realidades, a letargia, a imobilidade, a ofensa injusta, o exílio, a omissão conivente, os nós, as vãs esperas, o câncer infantil, o dinheiro, o impossível, a desesperança, a traição, a morte antes dos 90, o dever de casa, a extorsão, a solidão imposta, a falta de intimidade, o inútil recomeço, a vulgaridade, a tortura, o voto comprado, as emancipações forçadas, o uso e o abuso corporal, o desperdício, a privação, o elogio, o desgosto, a pista falsa, a exaustão, a gente macabra e a desgraça.



EU TE PROPONHO

O que fazer do desejo? Ele te inclui admirável e recíproca. Renovo o pensamento determinado a fazer-te minha, tingir tua cama de todas as minhas cores, buscar tuas fendas, beijar-te em todos os ângulos sem obstáculos e em longas horas de carícias premeditadas;

deixar marcas permanentes para que nunca mais te esqueças das consequências. Tocar-te o peito, legitimarte mulher, inventar uma absurda reiteração de amar-te seguido e muito, converter meu fogo em labareda, fazer escala no teu ventre, deixar pedaços meus dentro de ti, tocar-te até soarem loucas e dissonantes melodias que te lembrem à alma o entusiasmo com que te fiz minha.



O GOZO PERDIDO

Olho o perdido gozo. A alma tenta tornar suave a agonia do amor. Administro como posso esse sentir que se alastra em mim, ultrapassando meu sossego, subtraindo os últimos recursos de prudência. Adquiri o hábito de me calar.

Subsisto às decepções, e carecendo de alimentos substanciais, livro-me das irresponsabilidades que nunca foram minhas. O vazio substituiu a animação e a diversão com que amei. Numa incruenta injustiça, puseram-me no papel e no lugar de outra pessoa que

não sou eu, nem nunca fui. Aconteceu sucessivamente uma dificuldade que me despediu da dignidade, não me reconheci mais como semelhante; então, não fui mais eu, numa luta corpo a corpo perdi influência, poucos espaços guardados em segredo sobreviveram à perda. O desinteresse que dominou meu espírito sugou meu sangue, vasos, ossos e a alegria. São coisas que sucedem.



A DOR DO VAZIO

Canto uma tristeza que saiu dos seus limites, as saudades com que ornamento tua memória começam a doer, regam o vazio que não é sal nem mel, uma falta que passeia, vigiando-me como um jaguar. Celebro a certeza de que ninguém te amou como eu.

O sacrifício aproveita o ensejo para tentar-me à dor. Diante da iminência dela, faço uma substituição: sofrerei um pouco, no derradeiro esforço para sustentar os sonhos.

ESSE AMOR

Lembro do profundo afeto com que te convidei a perfumar a vida inteira com esse aroma que ainda respiro, ainda que soubesse quanta defesa isso exigiria.



NUTRO MEUS AFETOS

Nutro inflar meus afetos, deixar o descanso para depois, aceitar o desejo afoito que me devolve a inteireza e me leva a ter vantagens sobre aquele que, moderadamente, não era eu. Aprovo as imperfeições, guardo a imensa exigência como símbolo fora do meu círculo, repito tenazmente a lição de cada dia, ponho o desânimo no seu devido lugar, oferecendo-o aos que o aceitem.

Na forma mais ousada, meus afetos desmembram antipatias, aversões, requintam o sigilo que me protege dos olhos profanos e vigia minha inocência, resguardando o ar que respiro.

Estou passando por uma transformação, repasso o já sabido. Venho de não haver vivido, sou incapaz de

imitar ânimos, me restauro para pôr em uso uma nova esperança.

Minha memória me visita pedindo-me para viver no presente.



AMIGOS DE RAIZES

O amor que sinto por ti inclui o desejo como algo natural e como parte importante da tua inclusão. Quando nos unimos com nossos desejos similares para construir um encontro, não importa qual nem por onde comece ou termine, estamos diante de um fenômeno que forma nossos interesses.

Revezamos cuidados, é o mínimo que esperamos. Buscamos generalizar o prazer do corpo e da alma. Vivemos instantes de delírios, contemplamos sorrisos contínuos, quase dores, que, como raios, nos fazem tremer. Diminuídas as forças, adormecemos temporariamente, relaxando os ânimos deliciosamente satisfeitos.

MEU MOMENTO

Neste momento estou querendo repouso, alcançar uma ocasião para recrear os olhos com as delicias das belezas. Colher o suco plantado na vida. Teimar até ouvir o sim que tanto preciso e quero. Cortar todas as ambiguidades, junto com os ambíguos. Cultivar raízes fortes, minando o solo que piso, rachando a terra, gretando até encontrar o fundo que definitivamente as acolha. Radiar novos sorrisos como indultos aos vícios do ânimo que me pôs barreiras. Quero descarregar a caridade dos meus planos amorosos, raspar as arestas, isentando-me das cargas que não são minhas, quero um prazer máximo, merecido, que vá do ventre à boca, da mesa à cama, quero ficar longe dos estéreis e perniciosos orgulhos desatendidos me cobrando dar o que não recebo. Reajo às tentativas retardatárias que, invariavelmente, justificam a falta de cuidados. Quero afagar o novo, fazê-lo conhecido, preciso viver. Quero conjugações, fazer-me voltar ao lugar de onde nunca deveria ter saído, tornar a cantar, preparar comidas, acautelar-me diante dos que me usam, abusar dos prazeres, dos livros, das plantas, de tudo o que me afia os olhos.

Quero obter como resultado renovada confiança, fugir para dentro de mim, cuidar dos meus ensaios, solitária e recolhidamente falar todo dia do Botafogo, da infinita beleza do feminino, da graça da timidez, da recomendação para passar bem; quero legitimar todos os meus retratos, marcando todos aqueles que fui; quero rever meus amigos de infância, manter intacta a fidelidade ao igual e ao diferente. Não quero mais sofrer de desamor, quero afastar os indiferentes, aceitar o que me torna competente para a vida. Quero não obedecer, não suplicar, não explicar; quero ultrapassar os limites da resistência, morrer depois dos 91 anos, e, com saúde, comprometer-me na vida e brindar o gozo.



Roberto Curi Hallal

